

mojo
BOOKS

2
años
2006
2008



Harvest

Neil Young

Recontado por
HAROLDO FERREIRA LIMA

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

HARVEST
HAROLDO FERREIRA LIMA

uma história inspirada por
HARVEST
NEIL YOUNG

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY HAROLDO FERREIRA LIMA
PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

BLOOD ON TRACKS

HAROLDO FERREIRA LIMA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **A.B. DUCCI**



HARVEST
NEIL YOUNG

LANÇAMENTO: **FEVEREIRO DE 1972**
SELO: **REPRISE**

**PLAYLIST ORIGINAL
DO ÁLBUM**

1. Out on the weekend
2. Harvest
3. A Man needs a maid
4. Heart of gold
5. Are you ready for the country?
6. Old man
7. There's a world
8. Alabama
9. The needle and the damage done
10. Words (Between the lines of age)



HARVEST

HAROLDO FERREIRA LIMA

A alça da mala arrastava pelo chão turbulento e empoeirado. As paradas do ônibus e o ar condicionado, complemento perfeito para empestear até a alma com o cheiro tão característico dos cigarros. Não via nada ao seu redor, mesmo com os acordes rasgados culminando, destruindo seu aparelho auditivo, mesmo com toda a pressa moderna da rodoviária, mães e tias, os moleques com bermudas florais e sem camisa, tantos e tantos estudantes esperando o momento de embarcar e enterrar as responsabilidades pelos próximos dias; não afligiam, mesmo as figuras estranhas, nem a desconfiança. Seguia em linha reta, não reagia aos empurrões a ao volume de pessoas que assim como ele, estavam sempre remando e remando, sempre, contra a maré.

Estavam em três, mas os outros dois não existiam. O momento era, definitivamente, dele. Seguia uma linha reta, mas a cidade fazia-o voltar, fazer curvas no tempo, as dimensões tempo provocavam-lhe arrepios. Os sussurros e uivos do tempo faziam-no relembrar de como viera parar naquele lugar e o que provocava seu eterno movimento, em busca de quê? Voltou ao ponto de partida, quem sabe retrocessos? Primeiro a cidade, o tempo, o corre-corre do Centro, as nuvens se fechando; sim, fazia um calor infernal, porém, os santos haviam reservado um clima bem ameno para um feriado santo. Bem, o dia acabava, as nuvens anunciavam tudo que haveria na região. Uma periferia; os

carros, caminhões e indústrias, logo os campos verdejantes, a seqüência de fios acompanhando intimamente, observando atentamente e com reprovação a rodovia, as longas retas, parceiras de curvas assassinas, novamente subúrbios, campos, movimentos, olhares exasperados, as paradas nos sinais e mais cidades, rostos tão parecidos e inebriantemente ocultos. Enfim a cidade e o movimento; ainda alheia aos sentimentos e devidamente recomendada a ser ao mesmo tempo nostálgica e avassaladora, sobrenatural.

Os outros o seguiam com receio, ainda não poderiam explicar o que havia acontecido e sabiam, não deveriam interromper o devaneio. Era cedo para tudo que pretendiam expressar e o que não desejavam era mesmo perder, tudo, todas as sensações exaladas pelas quatro áureas, a cidade, a dos três. Não havia tempo para problematizar o cotidiano e o que se movimentava em cabeças tão joviais e aniquiladas. Tomaram o primeiro ônibus, as luzes e as pichações, o sombrio e o perfeitamente iluminado pelas luzes destruidoras dos outdoors. Toda a novidade dos becos e vielas, as velhas linhas do bonde, o que guiavam? Os sonhos. Que sonhos? Cegos, mas que cegos tão constrangedores! A cidade era linda, é um verbo que sim, deve ser conjugado no passado, pois só olhos bem sensíveis poderiam captar os mecanismos que desmistificam toda a crueza das formas insensíveis que rasgam o ar e penetram na alma, até a mais enlameada, petrificada.

O bairro era nobre, mas pouco importava, as alamedas estavam mortificadas pelas sombras, mesmo assim alamedas reconhecíveis. Cruzaram aqueles caminhos diversas vezes depois, mas sem se lembrar do quanto tinha valido a pena cruzá-los pela primeira vez num outono já tão distante e pouco

reconhecível; sobraram os sonhos parcos, mas não havia mais espaço para os sonhos, a pouca glória que o lugar teria após dominá-los. Agora, poucos adjetivos sobravam para as justificativas, os cruzamentos, as casas antigas, o prédio. Então subiram uma escada, 184 degraus, contaram depois, havia dois elevadores pequenos, máximo de pessoas, lotação completa. A grade ruidosa, o frio no estômago que se estende à alma, as paredes amareladas, os detalhes avermelhados, “uma cor de goiaba bastante característica”, os movimentos bruscos e contínuos, o silêncio enfim, se prolongaria até o apartamento, uma porta pequena, o corredor sombrio, as câmeras, um rosto refletido na câmera, “todo ingenuidade”, nosso reflexo é a ingenuidade. O barulho da fechadura, as paredes e seus calafrios, a porta aberta, a ocupação, o trânsito, cheiro de desinfetantes comprovando que alguma daquelas meninas fizera o serviço. O banheiro, as calças e o cinto pendurados, a bagunça já amontoada, o odor naftalino da meia amarela jogada num dos cantos, já os primeiros fios de cabelos acomodando-se no chão. Grunhidos de satisfação. As conclusões? Enfim as palavras:

– Não era o que eu esperava.

Outras caras assustadas, ainda paralisadas pela primeira impressão. Sustos subseqüentes.

– Não ficarei, estou de partida!

Cruzou as esquinas do apartamento, após os corredores e a lentidão descompassada, as sombras que inebriavam; sentia a alma do prédio, os olhos do prédio, os sentidos do prédio a contemplá-lo como se fosse um ser divino. Olhou para o interior sombrio e familiar do elevador pela última vez, colocou-

se na rua a procura de algo que definitivamente, mesmo ele, tinha certeza que ali não encontraria. Pois estacou na calçada ouvindo, vendo o tempo passar, as luzes editadas da cidade, o movimento dos carros amarelos como a travessia de sua vida, nem uma pergunta ou atitude familiar, o que fazer, se estivesse tão acostumado aos táxis, nossos coletivos e camas enormes. Permaneceu, não viu o tempo passar nem o chuvisco perpassar e abafar seu campo de visão, hipnotizar os pensamentos com; e constranger a lente dos óculos com a devassidão da cegueira repentina, já não podia ouvir. Estancou o meio da rua, as buzinas. A porta se batendo, o carro partindo, rode, um eterno rodar. Atravessaram os cantos, permearam os parques, mais uma vez as fachadas iluminadas. Escapou em uma corrida noturna e luxuriante. Refugiado numa marquise, ainda as alamedas anteriores, os momentos anteriores, tanta falta de consciência com os fluxos de consciência e o trânsito: cada farol e pontos de luz a correr, a movimentar a procura tão intensa, o que na verdade se procurava eram os limites da existência, para que ainda existem limites tênues para cada escolha ou percepção? Não havia motivo para a garganta secar ou arranhar, não havia movimento para a vertigem nem frio para um casaco tão espesso, tamanha febre, constatou um delírio tão ingênuo e doce quanto a tragada no cigarro:

Arrastou. Sob a sombra dos dias a alça da bolsa. O dia de arrastar a bolsa, a bolsa saciada por pedregulhos e o pranto do chapisco a dramatizar toda uma convivência, o cheiro espesso dos cigarros inundando as bordas do quarto tão delimitado por momentos... Todas a páginas de todos os livros amarrotados, os episódios pouco formulados, os períodos mal pontuados

numa exclamação. Foi um final, ele já sabia e não veneraria a conclusão, a imensidão do filme, tão infiel e cheio de sentimentos prematuros. Ligações e ligações, o tempo fechado, o caminhar abafado, o suor a marcar as axilas, o tempo e o tempo, nada mais que a chuva para movimentar o dia, desacelerar as buscas. Foi-se e não, existiria sentado ali, concluiu, sem devaneios, para cantarolar alguma canção não bastariam os momentos, não valeria a pena gritar bem fundo e alto: já não existe compaixão, com os coqueiros, em alamedas alarmadas pelo desespero que temos quando todos. A desolação. Caminhou em direção ao amontoado, não havia escapatória, sentia as esporas tremelicando em seus calcanhares, reluzindo prontas para desativar a noite. Atravessou, o ranger da porteira narrava o crepúsculo, anunciava o apocalipse. Olhou torto, enlaçou a garota em seus braços, desprezou-a, filmou os passos desencontrados dos cowboys, identificou a presa, sacou a arma. O cheiro de pólvora inundou o ambiente. Silêncio terminal. Pulou o balcão, retirou a orelha que havia caído dentro do pote de azeitonas. Mastigou, cuspiu fora de nojo. Só mais uma orelha. Sabia. Era inconsciente habitar as ladeiras e todos os aterros, foi trágico saborear o fluxo inconsciente da memória, uma análise psicanalítica: se houvesse uma máquina que transcrevesse e não generalizasse tudo que pensamos e arduamente despisse, genializasse os períodos pobres e concretizasse nossos neologismos não ficaríamos tão ligados ao existencialismo fúnebre e inebriante que os novos ares trazem e despem. Fingir sofrer movimenta a compaixão, pensava ao desacelerar da onda. Se não bastasse a bolsa de sonhos e a turbulenta correria movida pelo pó dos muros descascados e as zonas escuras do povo. Seria só o Centro. O centro

de todas as nossas atenções, os mínimos detalhes: uma guimba dos cigarros compartilhados, mais uma negação acumulada na ambigüidade urbana dos corações, um acorde sonhado, um período perfeito, o chuvisco na rua. Duas iniciais: tudo se soma. Cartas de amor refogadas em banho maria, imaginou o conto, a letra da música.

E tudo virou uma grande confusão: as quatro pessoas se amontoaram no minúsculo espaço reservado do pedaço de terra, ocuparam um coração pequeno demais, não por falta de amor, mas pela peculiaridade da ganância; uma espécie de interrupção da sanidade, um desprezo pelo pessoal, individual, pelas formas que caracterizam cada personalidade. Entramos dispostos à felicidade, não encontramos o equilíbrio para entender o quanto é dura a convivência com tantos pregos numa caixa tão apertada, cuidadosamente planejada para nos alvejar. Foi a miríade de idéias e emoções que nos levou a isso, um nada completamente abastado de pelos e sangue pulsante, odores juvenis, circuitos e linha telefônicas. Metâmeros. Descia as escadas em lances, levava consigo a imagem de estrelas negras, fixas em um patamar branco e ondulado, sentia a maresia inundar todos os pensamentos que fizeram daqueles locais e momentos mais e mais familiares, mais acéticos a uma vida jamais imaginada e consolidada. As pequenas estrelas negras eram apenas sonhos esparsos e momentos de divagação, das corridas matinais; um disso ou daquilo, de um ou vários momentos que não se intercalam a lembranças quaisquer, estavam limitados por sussurros e constatações de prazer, lembranças levadas ao vento, conseguidas ao léu, estimuladas por endorfinas e autoconfiança. Desceu as escadas assim, ladeiros, leitos, leituras substantivas. Calava ao rugido dos

pneus, transbordava inspiração ao partir, abandonar, imaginar citações e perspectivas para o que havia ocorrido. Conseguiu conceber estrelas negras, fixas na infinitude puramente alterada pela claridade do dia, avançou o sinal, dormiu no silêncio, confundiu-se com o sol. Havia. O disfarce cotidiano de uma pilha de híbridas narrativas digitalizadas e profanadas pelo ritmo afobado da respiração editada. Arrastar-se ao saber da existência de um disfarce bem moldado. A Coca gelada e os vapores ingenuamente industrializados para nos fazer irritar e caminhar entre poças de demagogia, a camisa e o sangue pisado, o lábio ferido, o escuro sabor analgésico do sangue a inundar a boca em desolação, a fibra sebosa e curtida dos nossos dias. Profanada pelos nossos desejos, o algodão das nossas camisas. O ranger de ossos na escada íngreme, ainda o peso de uma bolsa descartável.

Todo seu irrealismo o levou aos pontos mais distantes da memória. Colocou-o a procura: tremelicou, viu-se sentado, esperando, empoeirado, onde estaria o tal fluxo de idéias, as novas idéias, onde estaria senão no seu próprio mundo. Levantou-se seguiu até o bebedouro, cruzou os braços e olhares, paradoxalmente construiu as mesmas pessoas e suas virtualidades narrativas, seus aspectos formais e imaginários, simulacros, as mesmas imagens pré-fabricadas memorizadas em espaços, compartimentos fechados e pouco estudados de sua infinita compaixão, estava encostada ao tamborete, os grupos, o grupo, três sonhos acumulados e sobrepostos em suas memórias, para onde foi a memória, por qual trilha submersa, cabo de fibra óptica havia percorrido todo um mundo ainda não consciente, ainda não submerso, ainda

não imaginário. Sentiu a água aliviar toda uma alergia intensa, delimitar toda sua existência, havia uma rodoviária e limites, coordenadas geográficas ainda ininteligíveis, os submarinos arrepios de um grande frio, o céu, a desolação cerebral derramada. Sentiu o calafrio da voz mecânica da garota das informações todo um percurso, o cotidiano rodoviário de seu coração, tudo naquela rodoviária soava tão e tão cotidiano que não haveria espaçamentos ou justificações para àquela cruzada simplesmente interminável. Pois bem era o fim.

A stylized floral illustration in the top right corner, featuring white and orange flowers with dark green leaves on a black background. The flowers are scattered across the right side of the image, with some larger blooms and smaller buds. The overall style is modern and graphic.

mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br